

Kadical Paulistano

CAPITAL

Trimestre 38000
Semestre 68000
Anno 128000

ORGAN DO CLUB RADICAL PAULISTANO

S. PAULO, SEXTA-FEIRA 16 DE JULHO DE 1869

PROVINCIAS

Trimestre 48000
Semestre 78000
Anno 138000

Publica-se, por ora, uma vez por semana e professa a doutrina liberal em toda a sua plenitude, propugnando principalmente pelas seguintes reformas :

Descentralisação;
Ensino livre;
Policia electiva;
Abolição da guarda nacional;
Senado temporario e electivo;

Extinção do poder moderador;
Separação da judicatura da policia;
Suffragio directo e generalisado;
Substituição do trabalho servil pelo trabalho livre;
Presidentes de provincia eleitos pela mesma;

Suspensão e responsabilidade dos magistrados pelos tribunales superiores e poder legislativo;
Magistratura independente, incompativel, e a escolha de seus membros fora da acção do governo;

Prohibição aos representantes da nação de acceptarem no meoço para empregos publicos e igualmente titulos e condecorações.
Os funcionarios publicos, uma vez eleitos, deverão optar pelo emprego ou cargo de representação nacional.

ASSIGNA-SE NA TYPOGRAPHIA DO «CORREIO PAULISTANO» E NA RUA DA BOA VISTA N.º 29, AVULSO 300 RS.

Conferencias publicas

O Club Radical Paulistano acaba de co-
rôar os seus esforços em favor dessa ins-
tituição democratica, resolvendo ence-
tal-as desde já.

Domingo, 18 do corrente, effectuar-se-
ha a primeira conferencia radical, oran-
do o sr. Luiz Gonzaga Pinto da Gama so-
bre a extinção do poder moderador.

A entrada será franqueada por meio de
cartões, os quaes se distribuirão ás pes-
soas que os solicitarem, entendendo-se
com a respectiva commissão á rua da
Boa-Vista ns. 29 e 39.

O Club Radical não conta senão com o
povo; para elle appella, nelle confia e só
a elle se dirige.

O Club não procura outro arrimo senão
a vontade espontanea de seus concida-
dãos; a distincção de classes é nulla no
seu recinto. A egualdade é a sua divisa.

Não ha, pois, distincção de classes, o
Club espera de todos benevola coopera-
ção nesta ardua empreza liberal.

RADICAL PAULISTANO

• rei conspira

A sede de sangue, já disse alguém, é
um vicio organico da raça privilegiada dos
reis.

Ou por isso, ou para justificar um gol-
pe de Estado, em regra, facilitando-o ao
mesmo tempo com o terror e a perturba-
ção social, é hoje fóra de duvida que o
autocrata de S. Christovão trama um
incendio revolucionario no seio do paiz.

Quer ter, talvez, a gloria de apagar-o.
Dar um espectáculo digno de principes
aos dous augustos prolificadores de sua
raça.

Julga vergonhoso, quem sabe, aos
olhos delles uma corte erma de hecatom-
bes humanas, embora rica de dinheiro e
de *Timandros*.

E além do mais, a *tourada* de 48, a epo-
pea de Nunes Machado e Pedro Ivo, já
vae longe no nevoeiro dos annos, é uma
legenda empallidecida, uma saudade ape-
nas...

E' pois perfeitamente cabido o *bis* im-
perial.

Querem a prova?

Está na audacia com que seus alguasis
afrontam de azorrague em punho os brios
populares.

A ser preciso definir uma data, ella está
no 16 de Julho.

Ha justamente um anno, que, dia por
dia e em todos os angulos do imperio
esbofeteia-se o povo por ordem do rei.

Em toda parte serpea o rastilho que
deve produzir a conflagração.

Quando não é o assassinato, a violação
do lar, o attentado ao pudor, a prisão
arbitraria, a vingança, a perseguição, o
processo acintoso, é o desdem, a ostenta-
ção do arbitrio, o luxo da força ou o
cynismo da ironia.

Quando não é a policia que esbofeteia,
é um senador ou deputado que, em pleno
parlamento, desdobra aos olhos da nação
attonita a bandeira rubra em que estão
escriptos os velhos privilegios dynnasti-
cos da soberania real.

Dir-se-hia que somos a Polonia con-
quistada!

Pois bem, sejamos Polacos; sejamos
pacientes.

Não façamos a contra-revolução, mas
preparemola.

Confraternisemos na dôr, unamo-nos
na resignação, para sermos fortes no dia
da desforra.

Entreguemos as ilhargas á vergasta
dos carrascos, mas guardemos na cons-
ciencia—o odio e a esperança.

São preciosas sementes.
Quando a estação chegar, rebentarão
dellas a emancipação e a liberdade.

Frustrar a revolução das ruas, a que
inspira-se no instante do desespero, a
que começa na barricada para acabar no
exilio ou na força, é frustrar victoria
certa e facil ao absolutismo, que adrede
nos fustiga.

Armemos o povo, sim; mas não com a
espingarda; com a idéa, com a conscien-
cia do direito.

Em vez de barricadas, escolas.

Só assim ganharemos a ultima partida.

Será, de tal arte, o proprio rei o nosso
melhor operario.

Aproveitemol-o.

O holocausto que deseja para cimento
de seu throno, transformemol-o nós em
apothecose da liberdade.

O rei e o partido liberal

Se a franqueza é a primeira virtude
politica, o pamphlete liberal que acaba de
publicar-se, envolto no prestigio de um
nome respeitavel, é um acontecimento
grave e fecundo.

E' o exame de consciencia de um par-
tido moribundo, que definha exausto, a
espera do aniquilamento que se apro-
xima, para transfundir-lhe o espirito na
grande alma do povo, e purificar-lhe a
seiva corrompida nas fontes da democra-
cia, d'onde hade brotar o novo principio,
o principio regenerador de nosso orga-
nismo governativo.

Prova irrefragavel d'este parecer en-
cerram os factos expendidos no escripto
que analysamos.

O que é que constitue um partido
senão as tendencias geraes que o charac-
terizam, as idéas praticas que procura
effectuar e as tradições historicas em
que se personifica? Ora o partido liberal,
não esse que consubstancia as aspirações
democraticas do paiz, communhão ideal,
vaga, indefinida, sem programma e sem
directores, mas esse grupo numeroso de
sectarios que, inculcando propensões
populares, tem senhoreado em breves
intervallos o governo do estado, este par-
tido intitulado liberal, comquanto em
certas epochas haja campeado á frente
do movimento nacional, tem, entretanto,
abjurado na applicação os preceitos fun-
damentais do seu credo, sancionando,
já com o apoio de suas forças, já com a
humilhante resignação do silencio, as
conquistas fataes do absolutismo.

A causa d'esse envenenamento gradual,
porém certo, que tem consumido este
corpo extraordinario, é o predomínio
exclusivo, arrogante, aristocratico dos
chefes, que, infieis á sua causa, concen-
tram a acção, monopolizam o poder e
suplantam os interesses communs. O
partido encarna-se n'um individuo e iden-
tifica-se com elle, abdicando o pensa-
mento, a vontade e a energia.

A historia do partido liberal tão brilhan-
tamente desenvolvida pelo illustre pam-
phletista, é uma serie de transacções com
o preconceito monarchico. As mais pon-
derosas necessidades da politica demo-
cratica foram successivamente immoladas
á manutenção de certas formas absurdas
e oppressivas; as idéas liberaes avalia-
das, cercceadas, vendidas no balcão da
realza e o venerando symbolo americano
calumniado n'uma constituição despoti-
ca. Em todas estas impurezas nodoram-
se as mãos d'esta parcialidade que se
apregoa nacional, mas que não transcen-
de de um directorio fraco, ambicioso e
desleal.

Não era liberal o partido que, em 1822,
aniquilava a iniciativa popular, precipi-
tando-se desvairadamente nos braços de

um herdeiro da tyrannia colonial, e plan-
tando arbitrariamente um systema de
governo, quando só o paiz por intermedio
de uma constituinte regular, é que tinha
o direito de assestar as bases da nova
situação.

Não era liberal o partido que, em 1824,
quando o sangue dos democraticas suppli-
ciados clamava ainda aos ouvidos de seus
irmãos, quando a dissolução da consti-
tuinte, as insolencias da authoridade e o
exilio dos deputados independentes eram
ainda tão vivos na memoria dos patrio-
tas, aceitava inerte e mudo a constitui-
ção bragantina, pacto ignominioso de
duas idéas repugnantes, hypocrisia so-
lemne que não podia illudir a intelligén-
cias esclarecidas.

Não era liberal o partido que frustrava
a gloriosa revolução de 1831, alliando-se
aos moderados, que a occasião lhes offe-
recia; que, em 1837, em vez de lançar
mão dos recursos heroicos que o desese-
pero indicava, deixa mallograrem-se
os esforços democraticos da Feijó, e fi-
tou a vista no throno em quanto aquelle
intrepido cidadão baixava do poder iner-
me, desconsolado, coberto de baldões;
que em 1840, proclamava a maioridade,
violando a constituição em proveito da
corôa, quando podia reformala a bem
da liberdade.

Até o acto adicional, que é uma gran-
de lei, foi uma creatura mutilada e infor-
me, porque adopta um principio e nega-
lhe a consequencia, consagra as franque-
zas provinciaes e as circumscreve, con-
cede ao povo as assembléas para fortifi-
cal-o, mas entrega ao soberano os presi-
dentes para nullificar as assembléas.

Qual é pois a doutrina d'este partido
que portantas vezes nesta longa serie de
contradições, renegou os santos dogmas
da eschola democratica? Onde está o
elemento de cohesão, o sangue, a força
vital que o mantem? Qual a essencia, o
character, as feições que o distinguem?

As idéas, está demonstrado que não.
São, portanto, as individualidades. E' uma
aggregação de homens presos por um
interesse convencional. Ora partido sem
principios, e todavia legitimo, natural,
enraizado no povo, não o pôde haver.
Partido ermo de crenças é uma criação
facticia, que se fórma nas altas regiões
do governo e por lá paira; nada tem com
o paiz. Eis o que tem sido a grey deno-
minada liberal, como todos os partidos
até hoje no Brasil.

Aqui está porque isso, que o eloquente
escriptor classifica de *erros* e attribue ao
partido liberal, chamamos nós—*crimes*—e
imputamos aos chefes; porque, nesta poli-
tica absurda de nosso paiz, o partido são
os chefes.

Não a é ingenuidade que os tem inspi-
rado, e sim a perfidia.

Para comproval-o escolheremos um
exemplo.

O meio constante de corrupção, pelo
qual o rei traçou e tem obtido a ruinas
instituições constitucionaes, consiste em
desprestigiar os homens publicos em que
a democracia procura apoiar-se. De fei-
to, sempre que uma necessidade impre-
tível o obriga a lançar mão de um nome
liberal, confiando-lhe a suprema direcção
do governo, ha de vir a par do elemento
puro, a influencia corrupta do imperia-
lismo, para estragal-o paralyzando-o. São
esses gabinetes *concielhadores* o mais peri-
goso instrumento do imperador. Foi este
o vicio que inutilizou o primeiro minis-
terio da maioridade, onde avultavam
Martim Francisco e Antonio Carlos; é
elle que tem esterilizado, enfraquecido e
desmoralizado todos os governos.

Pois bem, depois de meio seculo do
opressão politica, de tantas experiencias
de tantas decepções, ainda um senador
do imperio ousa aventar a lembrança de
um gabinete mixto, accusando aos con-

servadores por não haverem abraçado o
exemplo de Derby em 1864!

Será partido liberal esse que ainda
quer disputar aos cortesãos do rei as mi-
galhas de seu desdenhoso valimento?
Será ainda ingenuidade este juizo após
a declaração de guerra formal, estrondosa,
inaudita, que fez o rei ás idéas democra-
ticas?

Por isto é que, em nosso entender,
esse partido jaz hoje em decrepidez.

Actualmente só ha um partido digno
da fé, do amor e das esperanças da
patria: é o radicalismo que nunca se
conspurcou ao contacto da purpura, que
odeia os disfarces, que não aceita rela-
ções com o passado, que repelle os com-
promissos, trabalha pela reforma profun-
da, completa, duradoura.

Que magnifica sorpresa não foi para nós
o encontrar admittidas e defendidas
calorosamente pelo eximio estadista
em seu pamphlete todos os grandes ar-
tigos do nosso programma: a abolição
do poder moderador, a temporariedade do
senado, a emancipação do elemento ser-
vil, a electividade dos presidentes!

Se as conveniencias melindrosas da sua
posição obrigaram o insigne jornalista
a não arregaçar completamente o veu, na
apreciação historica, ninguém se atreverá
a condemnal o perante a audacia, a inte-
reza e a abnegação que patentou pugnan-
do pelas nobres idéas radicadas.

O que, porém, infunde a este pamphle-
to um character de insolita ousadia é a
firmeza de convicções, a tendencia repu-
blicana que em todo elle se revela e que
se reúne no seguinte periodo:

«Era mister não olvidar que rei e de-
mocracia são cousas que se repellem; um
é o permanente destruidor do outro,
e quando, por excepção, se consegue
casal-os, dá-se ao mundo um espectáculo
repugnante, e sempre irrisorio, por
quanto um dos assim consorciados deve
sempre nullificar o outro.»

Nossos fervorosos parabens ao paiz e
ao egregio demacra!.

De que occupa-se a corte de d. Pedro II

Foi ultimamente distribuida por todos
os angulos do imperio, e particularmen-
te ás redacções de jornaes, naturalmente
para que a propaguem pela imprensa nas
provincias, a *Circular* que damos abaixo.

Griphamol-a em alguns topicos para
maior realce de tão curiosa peça:

«Illm. Sr.

«Tendo sido fundada nesta Corte no dia
16 de Julho de 1868 uma sociedade deno-
minada Jockey-Club, com o fim de dar
corridos de cavallos, e tendo sido designa-
dos no regulamento respectivo os mezes
de Maio, Junho e Setembro para nelles terem
lugar as tres grandes corridas annuaes
da sociedade, effectuou já a directoria
no dia 16 de Maio a primeira corrida
deste anno, cujo programma a esta vai
junto, e cujo relatorio foi publicado no
Jornal do Commercio do dia 30 de Maio
proximo passado.

«A directoria, porém, comprehende
que uma sociedade desta ordem, que in-
flue poderosamente no melhoramento da
raça cavallar, não deve ficar circumscrip-
ta á Corte, e sim pelo contrario espalhar-se
pelas provincias, sobretudo por aquellas
em que ha estabelecimentos de criação de
cavallos: por este motivo convida a V.
para fazer parte da dita sociedade, ou
pelo menos ajudal-a na organização das
corridas concorrendo para estas com ca-
vallas de sua propriedade.

«O programma para a proxima corri-
da de 25 de Julho se acha publicado no
Jornal do Commercio do dia 13 do corrente
nas declarações debaixo do titulo Jockey
Club, e nelle se acham especificadas as
diferentes corridas com os seus premios,

Thurminera.

Diophtheca

Corte

Pura a Laura, m. 46

condições, entradas e pesos correspondentes.

« Além disto, devem ser observadas as disposições do regulamento de corridas da sociedade, o qual juntamente enviamos a V. ; nos seus diferentes artigos verá V. o que não nos é possível explicar sufficientemente nesta carta.

Qualquer comunicação que V. tenha de mandar-nos, pôde dirigir-a á rua do Ouvidor n. 49, ao 1.º secretario do Jeckey Club.

Rio de Janeiro, 15 de Junho de 1869.

—Mariano Procopio Ferreira Lage, presidente.

—Henrique José Teixeira, 1.º secretario.

—Felisberto C. Paes Lame, 2.º secretario.

—Eduardo Augusto Pacheco, thesoureiro.

—Directores, José Dias Delgado, de Carvalho.

—Dr. Fernando Francisco da Costa Ferraz.

O sr. d. Pedro II não para

Ha muitos annos que se espalha pelo paiz o terrivel boato de que o sr. d. Pedro II se prepara, para proclamar-se de direito o imperador absoluto desta terra de Santa Cruz.

A principio esta nova correu por entre o povo, como um echo debil e fraco, não lhe causando serios cuidados, nem profundos receios; mas foi, com o correr dos tempos, criando corpo, e hoje tem tomado proporções assustadoras, e que ameaça, sobre modo, o futuro dos infelizes filhos deste imperio.

E' preciso, pois, que o povo esteja alerta, que estude os acontecimentos politicos do seu paiz, e a marcha do governo do sr. d. Pedro II, para não ver-se, de um momento para outro, sem essa pequena apparencia de liberdade, que ainda conservamos, e a braços com um despotismo sem freio, rodeado dos poderes os mais arbitrarios e assustadores.

A nação brasileira deve estar alerta; Napoleão III, na vespera republicano, proclamou-se no dia seguinte imperador dos francezes; d. Pedro II, hoje, apparentemente, rei constitucional, poderá amanhã, com mais facilidade do que o tyranno da França, assumir de direito o titulo de imperador absoluto do Brasil.

Esta previsão não é um fructo de imaginação; pelo contrario, é uma consequencia immediata e necessaria do systema, que o nosso monarcha tem seguido no governo desta desgraçada nação.

Fazendo-se revolucionario com os liberais, o sr. d. Pedro II apossou-se da coroa brasileira antes de ter a idade precisa. Dias depois enchotava do poder aquelles que o haviam erguido, para chamar aos conselhos da coroa os maiores inimigos da liberdade. E a reacção que seguiu-se depois, os actos arbitrarios que se cometeram, as leis anti-constitucionaes que se decretaram nessa triste epocha, deram bem a conhecer as intenções assustadoras do então joven monarcha.

Mas a alarma que estas medidas provocaram no paiz, e as revoltas a que deram lugar, fizeram ver ao sr. d. Pedro II que esse caminho não era o mais conveniente e seguro, para a realisação de seus fins.

Então começou o imperador a estabelecer as bases desse systema, de que a Conferencia dos Divinos nos falla com tanto brilhantismo e não menor veracidade.

A violencia traria em resultado a reacção, e esta não deixaria o despotismo assentar tranquillamente os alicerces do seu edificio; o meio da corrupção foi pois o aconselhado; este iria pouco a pouco tudo destruindo, e afinal transformaria o Brasil em um deserto de homens, em uma cega multidão de miseraveis e de escravos, a cuja sombra poderia o absolutismo abrigar-se, livre de temores e exemplo de obstaculos.

Assim tractou-se de corromper os homens, para mais tarde desmoralizar-se os partidos; e nestas condições, o paiz, descrente dos primeiros e sem esperança nos segundos, necessariamente se lançaria nos braços da monarchia, como o seu unico salvaterio, como o edificio que sómente se tinha podido manter, no meio das ruínas que o paiz apresentava.

O plano assim foi concebido, e melhor executado.

Tudo se corrompeo, tudo se desmoralizou, colhendo o povo, em face dos desastros dos seus homens politicos, e dos partidos, que elles representavam, um unico sentimento—a descrença.

Tinha então soado a hora de nosso imperador, o mais liberal do mundo, apresentar-se, de peito descoberto e á luz do meio dia, para proclamar-se o unico homem desta nação, o senhor absoluto deste povo de escravos.

Mas Deos, que observa as cousas humanas e não desampara a sorte de seus

filhos, fez reflectir sobre o throno a corrupção dos seus servidores, e estender-se até elle a descrença do povo.

E o imperador viu-se no meio do deserto em que havia collocado os partidos e os homens, que foram chamados ao governo do paiz.

Tudo estava portanto perdido: os homens desmoralizados, os partidos sem organização e sem prestigio e finalmente, até o proprio throno, a salvação unica no meio desta monstruosa catastrophe, se achou submergido.

Pareceria, pois, que a ultima hora havia soado para este paiz, e que elle teria de ir buscar o caminho da decadencia, antes mesmo de haver conhecido o da gloria.

Mas o nosso paternal monarcha, fertil em engenho, não podia de modo algum deixar falhar os seus intentos; batido por um lado, era-lhe preciso buscar recursos em outro.

Assim procedeu, e hoje nós o vemos no firme proposito de militarizar o paiz, por meio dessas celebres reformas da guarda nacional, da organização do exercito e do recrutamento.

Napoleão III fez-se absoluto com o auxilio dos soldados francezes; d. Pedro II, pôde ser tão feliz como o primeiro, se tentar o mesmo resultado.

Tracta-se, pois, actualmente de transformar o povo brasileiro em um exercito, o que sendo conseguido, o monarcha se proclamará rei absoluto deste imperio, e senhor despotico deste povo escravizado.

E note-se que o sr. conde d'Eu esteve na collaboração de parte desta obra monstruosa.

Mas o sr. d. Pedro II não se deve esquecer que Deos, lá do alto, dirige os destinos das nações, e que as armas dadas ao soldado para defender a causa do rei, podem servir ao cidadão para salvar a causa do estado.

Sob a farda do rei, que cobre o peito do soldado, bate o coração de um homem que ama a liberdade, de um cidadão que quer a gloria e a prosperidade da patria onde nasceu; as armas do rei podem pois se voltar contra o rei.

Entretanto, a nação deve estar attenta; não é sómente a vergonha e a miseria de uma guerra desastrosa e de uma bancarrota que ella deve temer, é tambem o desaparecimento desta sombra de instituições que nós temos, e que poderá, de um momento para outro, ser substituída pelo despotismo o mais descarnado e medonho.

E' preciso termos os olhos attentos para o que faz o poder. O sr. d. Pedro II não para; acompanhem-o pois.

Os politicos d'El-rei

Em todos os paizes que se governam, ou presumem governar-se pelas formulas constitucionaes, ha certa classe de homens a que o vulgo, por um equívoco singular, intitula estadistas natos, mas que os homens reflectidos e francos conceituam como especuladores ou saltimbancos politicos.

No Brasil, onde a constituição não é mais que um puro nome, esta especie de individuos constitue, por assim dizer, quasi a totalidade dos nossos grandes homens publicos, verdadeira praga, mais daminha que a dos gafanhotos egypciacos.

Tal é o flagello que tem ceifado até hoje, neste paiz a formosa seara da democracia.

A cada symptoma, á cada manifestação de um capricho imperial surgem elles aos centenaes, de inumeros escaminhos, promptos, inesperados, abundantes como cogumellos em dia inverno,so.

A consciencia d'esses homens é um enigma tão indecifrável como o absurdo, por quanto para elle só ha uma chave—o interesse.

Ora o interesse é tão multiforme, tão obscuro tão flexivel, tão enredado, tão sabio, e contradictorio, que não ha entendimento profano que o possa prever, nem deslindar.

E' monopolio dos mestres do officio. Essa laia de gente vive sempre rodeada de armadilhas.

São mysteriosos, profundos e circumpectos como um brahmã.

Cada palavra que selhes despegue dos labios encerra no amago um sophisma.

As phrases que proferem são vãs, ambiguaes, duvidosas como os oraculos das antigas sibyllas.

Em compensação não ha mencias tão imponentes, nem parecer tão magestoso com o seu.

Debaixo d'essas enganadoras apparencias, d'esse ar inspirado, d'esse fallar

reservado e prophetico, não ha senão o vazio, o nada.

Tudo o que ostentam, dizem ou promettem não passa de superficie. A poder de occultar, disfarçar, e falsificar a verdade chegam a perder de todo as convicções.

Naquellas almas só ha um principio, a ambição pessoal; só ha uma inspiração, o medo; só ha uma norma, a dissimulação.

Justiça, lealdade, senso moral são phantasmias chimericas para esses abortos pretençiosos da natureza humana.

Seu termo predilecto é a prudencia, impertinente bordão com que impugnham todos os sentimentos generosos, todas as crenças nobres, toda as emprezas fecundas e audazes.

E que a prudencia é uma rede vasta, subtil, impermeavel, por onde nada se pôde transmalhar.

Para elles o primeiro predicado de um partido regular é a tibieza e indecisão das idéas, o respeito ás susceptibilidades imperiaes, a deslealdade punica para com o povo; em uma palavra—a probabilidade de uma ascensão proxima ao poder.

Ora, como a adopção de um programma sincero, positivo e liberal importa um rompimento formal com o monarcha, um protesto desenganado e peremptorio contra as seducções do governo, uma recusa previa e inabalavel a todas as transações, não ha nada que tanto os afugente como o radicalismo.

Preferem os conservadores a nós!

Entretanto, se a occasião o reclamar, não trepidarão em insinuar-se republicanos, mas isto a medo, em segredo, quasi imperceptivelmente como se receassem que a consciencia os ouvisse.

Nem é isto: não é a consciencia que temem porque já a mataram, mas sim aos familiares da real iniquição, policia extraordinaria que vê e sabe tudo.

Se alçardes uma bandeira resplandecente de esperanças mas antipatica á actualidade, dir-vos-hão paternalmente:

« Sois temerarios. Vosso principio é real, vossos designios louvaveis, vossas reformas excellentes, mas não para já. Somos vossos amigos; a experiencia nos confere o direito de guiar-vos. Confiae em nós... Teimaes? Pois bem! não conteis com o imperador. Assim nunca sereis governo. E' preciso tino, creanças! »

Tal é a sua linguagem; tal o seu caracter.

Como se vê, confundem o tino com a filauia.

Na opposição são inexgotaveis em recursos de estrategia.

Algumas vezes chegam a ser atrevidos, mas é para que pela vehemencia da aggressão possa calcular-se a energia de que dispõe para a defesa.

O rei já os entende.

E' uma justa de eloquencia em que elle escolhe os gladiadores.

Circunstancias ha em que não vacillam em descobrir a coroa, proclamando como desacertos, as resoluções imperiaes.

Se exigirdes, porém, que perfilhem a consequencia, aventando a abolição do poder irresponsavel, recuarão subitamente como se uma brasa os tocasse.

Clamarão, quando a conveniencia pessoal o exigir, contra a impureza das eleições, contra a oppressão do voto, contra a infidelidade do mandato legislativo.

Se, porém, mantendo o mesmo pensamento, procurardes forçar os a confessar claramente que taes assembléas, alheias á vontade popular, não podem ser representantes do paiz, negarão redondamente o facto que tinham enunciado.

Se disserdes que o governo representativo está degenerado, que não existe, que nunca se effectuou entre nós, levarão as mãos á cabeça cheios de alvoroço.

« O que ha, bradarão elles, são vicios, vicios graves com effeito, mas que se podem remediar por meio de certas modificações no systema. »

Acontece até que, em momentos de rapida insania chegam a pronunciar o nome de revolução.

Logo, porém, que o monarcha lhes diz pela bocca dos ministros: « Então, ameaçais-me? »

« Perdoae-nos, senhor, respondem arrependidos, o que exprimimos não foi uma ameaça, mas uma previsão, uma prophacia, uma revelação da philosophia historica. Nós seremos sempre vossos cabos. Ponto está em que não nos esqueçaes. »

A pezar do tudo isto, se amanhã, por uma transformação inopinada e prodigiosa, triumphasse o credo radical, esses mesmos homens seriam os mais soffregos, os mais phreneticos, os mais devotados athletas da nova constituição.

Sycambros politicos, que apedrejam á

tarde o mesmo sol que adoraram ao alvorecer!

Vendilhões de programmaes, que conservam a consciencia sempre tincta nas cores do brazão imperial!

São os liberes com que s. m. escravisa o povo brasileiro.

Nós, radicaes, só lhes dedicamos compaixão, ou desprezo.

Quereis conhecê-los?

Estendei a mão para o alto, quer de um, quer de outro lado, e feichae-a, que acertareis sem falta.

E' sempre nas eminencias que pairam esses abutres.

O povo não presta para nada

O povo não presta para nada: eis a terrivel sentença que, do alto do poder, dos regios conselhos de s. m. partido, como um raio, para fulminar os filhos desta pobre nação.

O povo é indifferente á causa publica, não tem a dignidade sufficiente para fazer garantir os seus direitos, nem, tão pouco, intelligencia illustrada, para conhecê-los: são estas as duas expressões com que os arautos do absolutismo, os archeiros do nosso divino imperador mimoseiam os cidadãos deste paiz.

O povo é, pois, para elles, uma pura machina, cujo unico prestimo é o de puchar o carro triumphal do soberano senhor desta terra, e o de sua muito patriótica e illustre corte.

E deste modo, o imperador, rodeado da sua turba de aulicos, resumio em si esta nação, estreitando este vasto territorio nos pequenos limites da quinta de S. Christovão.

O povo não tem o conhecimento dos seus direitos, não pôde, portanto, pensar sobre os negocios de seu paiz; o imperador decido, pois, pensar por elle.

Não tem a dignidade bastante para fazer garantir a sua pessoa e bens; o imperador resolveo, em seu alto conceito, que teria dignidade por elle, que só a sua pessoa bastaria para representar a de todos os cidadãos deste imperio vastissimo.

O povo não presta para nada; emfim, o supremo divino, entendeo, á vista disto, pra ar para tudo.

Mas, e isto é uma verdade, se o povo não quer saber da causa publica, e a abandona aos grandes, aos sabios, aos poderosos, aos divinos, aquelles que, para tudo prestam, que tudo sabem e que tudo prevêem, não é elle, por certo, o causador dos nossos males, mas aquelles que lhe tomaram o lugar, assumindo a si os poderes que competiam á nação.

Se, pois, o estado do paiz é miseravel, em relação a todas as faces, porque pôde elle ser encarado, quem é o culpado? qual aquelle que se deve sentar no banco dos réos? não será, por certo, o povo, mas os que o têm governado; aquelles que têm tudo neste paiz: o poder irresponsavel, a fortuna, as honras, o prestigio e todas essas grandezas que elevam os fracos mortaes.

E são estes homens, que tudo têm roubado do povo, os bens, a liberdade, a honra e a grandeza; que ainda ousam lançar-lhe o insulto sobre as faces, e criminalo, de certo modo, pelo estado degradante em que se acha o paiz!!

E' de mais, os homens do poder tiram aos cidadãos deste estado tudo quanto elles têm, e não contentes com isto, ainda se julgam com o direito de injuriar. Tanto peor para vós, srs. divinos, e melhor para a causa da democracia.

Daes a miseria e a vergonha a esta nação, e não contentes ainda, cuspiu sobre a fronte de seus martyres.

Ha em tudo isto um fundo de verdade, e é: que ainda não sou para este desgraçado paiz a hora da justiça; mas ella ha de surgir, por entre as lagrimas e o sangue das victimas, e ao som dos raios e dos trovões da cholera popular.

E nesse dia, horrivel e sublime, em que os tyrannos da patria terão de envolver-se no pó das praças, se erguerá, sobre este solo livre da America, a soberania de um povo, grande e nobre, conquistando os seus direitos roubados, e lavando as nodosas de sua honra ultrajada.

Então, srs. conservadores, vereis, juntamente com o vosso irresponsavel chefe e senhor, quem presta neste paiz, e quem soube erguer a honra desta nação, que vós procuraes submergir nos abysmos da miseria e no lodo da prostituição.

O povo não presta para nada; ainda repetem os falsos apóstolos do liberalismo; deixemo-lo, pois, supportar as perseguições do governo, e os vexames do despotismo, em quanto nós esperamos que, abrandada a cholera do divino, este nos chame de novo ás altas regiões do

O prestígio do século e da matéria tinha cegado os sacerdotes christãos, e esta cegueira foi o prognostico da decadência da igreja romana.

Estes factos estão na historia dos povos, e não podem ser contestados nem pela critica mais parcial.

Mas, deixando de parte estas considerações que se prendem ao passado, da igreja christã, vejamos o estado em que ella hoje se acha:

O Chefe da Christandade, o Summo Pontífice, preso ás quatro paredes da cidade romana, não pôde dirigir livremente as suas ovelhas. Querendo conservar, não por meio da força da convicção, unico poder que a igreja possui, mas pela força das armas francezas, os restos de um poder temporal, que se vai desmoronando por si mesmo, Pio IX tem sido antes um instrumento da politica de Napoleão III, do que uma auctoridade soberana dentro do territorio do saureino, até mesmo no proprio mundo das relações espirituaes.

Estê facto que scandalisa a christandade, colloca o Papa em una posição de desrespeito e antipathia, prejudicial a elle, e sobre tudo ao grande rebanho que elle tem por missão dirigir e salvar.

Esta dependencia em que se acha o Chefe da Christandade em relação ao poder de Napoleão III colloca-o n'uma posição de dependencia, que o abate em vez de eleva-lo, escravizando-o não só nas manifestações do seu poder temporal, como até na pratica dos actos que lhe são privativos por sua natureza eclesiastica.

E na realidade triste este espectáculo da curia romana, e de uma gravidade suprema, tanto para o presente da christandade, como principalmente para o seu futuro.

Mas, não é sómente por este lado que a igreja christã se apresenta escravizada e sujeita ao predomínio do poder civil.

Em todos os paizes, onde, por infelicidade da igreja de Christo, foi esta adoptada como a religião do estado, sujeita á protecção e fiscalização dos poderes, dos soberanos da terra, o mesmo facto tem lugar. Ahi, bem como na cidade eterna o poder espiritual é manivella do poder secular; é um instrumento de sua politica, de seus interesses mais ou menos illegítimos; ahi, como lá, a igreja de Christo não é uma soberana livre e independente, senhora de suas acções; pelo contrario, é uma dependencia do poder secular, do qual ella precisa, para tero *placet* nas suas leis e na execução de seus decretos.

Esta, ordem de cousas é excessivamente prejudicial á igreja, não só porque lhe rouba o que ella possui de mais nobre e necessario: a sua independencia e soberania, como também a prejudica em seu livre progresso e desenvolvimento, cerceando a sua marcha luminosa através do espaço e do tempo.

A maxima — igreja livre no estado livre — não é sómente a tradução fiel de uma verdade politica, e de uma necessidade social, é também uma verdade christã, é um principio tão necessario á igreja, ou mais ainda, do que ao proprio estado.

A igreja não pôde, por sua natureza e pela elevação de seus fins, estar preza, ou sujeita ao estado; e essa protecção, que os poderes temporaes lhe concedem, é mais uma forte cadeia, que a esmaga e dilacera, do que a abertura de um caminho lizo, por onde ella possa caminhar e progredir desasombroadamente.

E preciso, pois, para bem da igreja, que esta seja livre; e isto se não poderá conseguir senão com a plena e ampla liberdade de cultos.

A verdade não pôde temer a liberdade, nem a discussão; só o erro precisa das trevas e da protecção.

No dia, pois, em que a igreja do Christo se apresentar em face do mundo, com o brilho de suas proprias roupas, com a força do seu unico poder e o prestígio de suas sublimes e puras doutrinas ella terá conquistado a sua ampra e completa victoria.

Tribunal do jury da capital

Contra expressa disposição de lei, hão sido, por duas vezes, na presente sessão, interrompidos os trabalhos do tribunal do jury.

Tem sido causa destas extranháveis interrupções, o facto de haver o meritissimo presidente do tribunal de comparecer ás juntas de justiça, convocadas pelo governo, para julgar réos militares.

São illegaes estas interrupções, além

de altamente prejudiciaes aos direitos dos réos, porque as sessões do jury devem durar 15 dias successivos, incluídos os dias santos, e só poderão ser prorogadas por mais 3 até 8 dias, quando o conselho de jurados, por maioria absoluta de votos, decidir que isto convém, para ultimação de alguns processos pendentes. (Cód. do Proc. crim. art. 223.)

A suspensão dos trabalhos do jury aos domingos, tem porfundamente serem taes dias guardados em honra de Deus. (Av. de 26 de Outubro de 1833.)

Findos os dias de prorrogação ultima-se a sessão, ainda que haja processos preparados para serem submettidos a julgamento. (Av. de 26 de Outubro de 1833.)

Por primeiro dia de sessão do jury se deve contar aquelle em que começar o exercicio effectivo de suas sessões. (Av. de 2 de Abril de 1836.)

As sessões do jury devem effectivamente ser diarias e successivas, ainda que aconteça não haver que fazer em algum dos dias; lavrando-se a acta com a declaração de se haverem reunido o juiz, escrivão, promotor e jurados; e ter-se levantado a sessão POR NAO HAVER SOBRE QUE DELIBERAR O JURY. (Aviso de 16 de Outubro de 1838.)

Destas clarissimas disposições evidencia-se, que os prazos dentro dos quaes funciona o jury, são fataes; e que os réos que não forem submettidos a julgamento em uma sessão, ainda que por motivos alheios da sua vontade, ficarão presos por mais 4 mezes, até a sessão seguinte, em que serão julgados.

Não cabe, pois, nas attribuições do governo, interromper os trabalhos do jury, ao seu alvedrio, privando dest'arte, que os réos presos sejam de prompto julgados, e venham a soffrer prisão injusta.

Nem deve o distincto magistrado presidente do tribunal do jury, prestar-se a semelhantes transgressões do nosso direito escripto; mas dosobedecer, com a dignidade que lhe infundem a lei e a independencia do poder judiciario, ás ordens injuridicas do poder executivo.

Os magistrados são pagos pela nação para servirem ao povo, executando estritamente as leis, e não para cumprir submissos as ordens desarrasoadas dos governos; com menoscabo da justiça, detrimento das partes e afronta á moral!

Mais um escandalo

O cidadão portuguez Bento Pinheiro Cardoso, que teve a desgraça de prestar homenagem ás ideias liberaes, e que, sem intrometer-se nas luctas politicas do paiz, applaude moralmente os progressos e triumphos da grande causa da democracia, foi grosseira e violentamente recrutado pelo delegado de policia da cidade de Mogy das Cruzes, e remetido para a capital.

Este cidadão é muito conhecido na pequena cidade de Mogy das Cruzes, onde ninguém ignora a sua nacionalidade; além de que exhibiu titulos pelos quaes mostrava não ser brasileiro. A tudo isto, porém, não attendeu a autoridade, porque seu exclusivo intento, que ostensiva e impunemente realison, era remetter a victima, sob prisão, para esta cidade.

Foi uma desfeita policia!; uma bofetada dada com a lei nas faces de um estrangeiro pacifico.

S. ex. o sr. presidente da provincia mandou pôr o paciente em liberdade; mas esqueceu-se, ou de proposito deixou de mandar responsabilisar o delegado prevaricador pela violação manifesta do que se acha disposto nas instrucções de 10 de Julho de 1822, decreto n. 2171 — do 1.º de Maio de 1838, e ordem do dia n. 276 — da 26 de Agosto de 1861.

E' verdade que S. ex. correligionario politico do delegado de policia de Mogy das Cruzes, não ousará punir a malversação do seu digno agente, que por modo tão indigno e capcioso, vingou-se dos seus desafeyoados politicos.

Tal é a triste administração de justiça que desmoralisa e corrompe os brasileiros.

Deixemos, porém, passar este esqualido cortejo de Sardanapalos togados; que, dominados pela devassidão governamental, arrastam por sobre o lodo do imperialismo a traba de Themis.

Não nos assustem as iniquidades dos despotas, porque grande é a justiça de Deus.

CORRESPONDENCIA

Côrte, 11 de Agosto

As noticias desta corte bragantina nos ultimos dias são sem importancia. A casa dos designados procura mais sem resultado dourar — as pillulas do ministro da justiça.

Essas pillulas são os projectos de reforma do pobre homem que por alcunha se chama o — *sanatário*.

Reformas para rir — tal deve ser o titulo dessa grotesca comedia da dictadura Itaborahy.

Mas a farça é antes tragica do que ridicula, porque no meio de tudo isso estão as lagrimas e soffrimentos do povo. Desde que a dictadura do sr. d. Pedro está cercada de cadáveres, cadáveres de 1842, 1848, e 1868; desde que a miseria caminha a passos largos para este povo infeliz; já não é possível senão o riso nervoso do reprobo, ou o riso de compaixão do povo contra a dictadura que delira.

A loucura parece viver nas altas regiões do governo, e uma das provas mais evidentes deste facto está na declaração feita pelo sr. Itaborahy a respeito da guerra.

Elle prefere mandar retirar o exercito, abandonar a guerra; a fazer a paz com Lopez!

Elle declara que o tempo que deve durar ainda a guerra está marcado, e que se dentro desse prazo não conseguirmos uma victoria decisiva então será a guerra abandonada!

Estas declarações são tão temerarias que não ha censura para fulminal-as. Porque o sr. Itaborahy ousa fazer semelhantes declarações, quem é que está a traz desse homem empurrando-o para o abysmo? Porque o sr. d. Pedro 2.º não demitte immediatamente um gabinete que poz em perigo a honra nacional?

Lopez dentro em poucos dias ha de ter conhecimento destas declarações, e, portanto, pela imprudencia do governo de S. Christovão, ficará sabendo que lhe será bastante resistir por mais algum tempo para sair com honra desta lucta que nos tem custado tantos sacrificios.

A declaração do sr. Itaborahy, assemelha-se muito a uma traição.

O celebre Itabora seguiu para a Europa como leãozinho. Entre os velhos servidores foi elle o preferido pelos bons serviços que tem prestado á corte bragantina do sr. d. Pedro 2.º.

Os senadores liberaes continuam no triste papel de opposicionistas da dictadura. Os seus conselhos de abstenção foram sómente dados para o povo, e por isso elles legalisam com a discussão os attentados do poder legislativo.

Pobres homens! Devendo tudo quanto são ao rei, falta-lhes coragem de bem servir ao povo. Vivem a fazer venias e caretas para um e outro lado.

E' curioso que o partido liberal tenha cahido nas mãos dos Zacharias, Saraiva, Nabuco, Olinda, e outros, todos de origem conservadora. Aonde estão os liberaes de origem liberal, porque entregam ellas a direcção de seu partido a esses homens? Será porque serão elles os mais habéis? Não; é porque são simplesmente os mais cortezãos.

Não é sem motivo que faço estas observações. Falla-se em uma nova fuzão sendo chamado o sr. Saraiva. Dizem que a casa dos designados entra na combinação de mais esta monstruosidade.

Seja tudo pelo amor de Deus.

COLLABORAÇÃO

O nosso governo

Ha muito que se diz existir no nosso paiz o governo pessoal; debalde os aulicos se esforçam em demonstrar o contrario; hoje porém, não nos resta a minima duvida a respeito de sua existencia. Já este anno o proprio senhor ministro da marinha o declarou em pleno parlamento.

Para nós não era preciso que um ministro o dissesse, pois, de ha muito combatemos este mal, e o faremos sem cessar, prestando com isso um serviço ao paiz, que não pôde e nem quer por tal forma ser governado.

Vejamos as verdadeiras causas de semelhante governo, que até hoje tem-se inculcado como representativo, quando aliás é um governo verdadeiramente despótico.

Entre nós tudo é dependente do poder moderador; elle nomeia e demitte ministros que se não encontram apoio nas

camaras, e tem as boas graças do poder que os nomeou; facilmente dissolvem as camaras, mesmo sem que o exija a salvação da nação; circumstancia esta que a nossa constituição exigio, e da qual prescinde sempre o poder moderador. E é nestas condições que precede sempre este poder com o unico fim de manter a harmonia e equilibrio dos demais poderes politicos.

Dissolvida a camara, tracta o ministro de compor a alta administração, unica e exclusivamente de seus amigos; de fazer as eleições; nas quaes, por uma grande maioria, são eleitos os amigos do governo; estes formam a camara, onde o governo só encontra elogios, como na actual.

Esta ordem de cousas parece perdurar, ao menos enquanto o nosso systema de eleições não for alterado; subsistir a guarda nacional, e o executivo e o imperador forem tudo neste paiz.

Tudo isto serve para provar que as nossas leis são pessimas, apesar dos homens da escola da autoridade não se cansarem em dizer que o defeito não está nellas, mas nos homens que as applicam. E' aqui vem o elles nos chamarem de anarchistas e revolucionarios, quando estas qualificações, lhes cabem exclusivamente, que estão provocando e precipitando os males que queremos evitar por meio das reformas. Queremos, é verdade, a revolução, mas a revolução moral, a que se opera nas idéas; outra é privativa dos maos governos, dos perseguidores e inimigos do povo e das más instituições. Ambicionamos, não ha duvida, a revolução das idéas, e é por isso que procuramos doutrinar o povo, e preparar-lhe o espirito; mas esta revolução não a teme nenhum governo justo e moralisado.

E' para lastimar a falta de instrução em que o nosso povo vive, sendo este paiz tão fértil em recursos, e ao mesmo tempo o seo governo tão parco em lançar mão delles em favor dos pobres filhos deste imperio. E' força corvir, que no nosso paiz só existe de facto um poder; poder irresponsavel; apesar de dizerem que elle jamais poderá fazer mal, como se o poder que lança o paiz n'uma reacção, podesse ser irresponsavel, e praticar só o bem.

Dahi a necessidade de sua abol. que cresce... os paizes bem governados... semelhante poder.

E' Portugal a unica nação d'Europa que possui semelhante monstro, e isso por que sua carta é obra do mesmo augusto senhor qua fez a nossa.

A sua abolição é de grande utilidade, pois que a sua simples vontade pôde mudar uma situação nas circumstancias em que as cousas se acham.

Não declamamos; ainda ha pouco dizio no senado o sr. Saraiva, que não pôde ser taxado de suspeito nesta matema; pois que está ligado a um grupo, que quer conservar semelhante poder, mas com a responsabilidade. O sr. Saraiva assim se exprime — O poder pessoal do rei, que consiste em fazer situações politicas, é um poder que lhe não aproveita e faz mal.

O rei deve ser o primeiro interessado em descartar-se de um poder que, aniquilando as liderdades publicas, por não ter o correctivo da liberdade eleitoral...

O sr. Ottoni, apoiando... O sr. Saraiva, expoe as difficuldades que um dia não poderá superar; o Rei, repito, deve ser o primeiro em abandonar esse poder, mesmo sendo as reformas eleitoraes, porque esse poder é uma anomalia, é um grande peso.

E' esta uma verdade incontestavel. Será exacto que o nosso governo seja representativo?

Parece-nos que não, a sua base, a eleição, é obra dos presidentes, que tem por missão eleger aos amigos do governo.

Voto livre! E na realidade um escárnio, foi coiza que nunca existio entre nós. A propria falla do throno de 68 reconhece esta verdade, e pedia ás camaras leis que garantissem a liberdade do voto, que a nosso ver é impossivel existir com a lei da guarda nacional, poderoso meio de compressão. Sua abolição parece-nos uma necessidade, mas o actual ministro da justiça assim não pensa, quer ainda mais apertar o circulo de ferro em que vive o pobre povo; mas, felizmente o seo projecto de reforma dormitara eternamente em sua pasta, preñhe d'outros tantos, que parecem ter a mesma sina.

A bossa reformista do nobre ministro não inspira muita confiança á propria camara que o apoia, e que parece disposta a repellar inlínine todas as suas reformas.

E' inquestionavel que a principal fonte

do governo pessoal e o poder moderador, pelo que o simples bom senso reconhece a necessidade de sua abolição, que já se fez sentir em 31 no projecto de reforma apresentado pela camara dos deputados ao senado, que dessa vez, como sempre, patenteou pouca respeito a opinião do paiz mutilando completamente o referido projecto.

Dizem que somos governados liberalmente; não o cremos, os factos protestam e demonstram o despotismo de um poder, que pôde tudo, praticando sempre funestas reacções, a titulo de manter a harmonia e equilibrio dos demais poderes politicos.

Como mantem essa harmonia um poder, que precisa ser harmonizado?

Qual o caracter de imparcialidade desse poder, para ser innocuo ás paixões? Não podemos comprehendêr semelhante theoria, que tem feito soffrer bastante este paiz; por nós fallam as epochas de 42 e 48.

E' preciso que nós, americanos, nos esforcemos pela abolição desse poder, que se deve chamar revolucionario e não moderador; só assim baniremos o despotismo, habilitando inoculando pelo sr. d. Pedro I na carta que nos foi servida dar.

O projecto da constituinte não reconhecia senão tres poderes distinctos, mas o sr. d. Pedro I querendo firmar bem o predomínio de sua familia dissolveo barbaicamente constituinte a 12 de Novembro de 23, arvorando-se elle e mais dez dosintmos conselheiros em assemblea constituinte, enquanto os verdadeiros representantes da nação eram perseguidos e desterrados.

E nestas condições recebemos do sr. d. Pedro I uma constituição, para a qual a nação não concorreu com os seus representantes, como dizem os conservadores.

Pedimos a abolição do poder moderador, porque o julgamos incompativel com a nossa liberdade; não o queremos só para que possamos dizer, que a pessoa do monarcha, altamente collocado, seja a unica capaz de despir-se dos preconceitos politicos e assim pronunciar-se com imparcialidade.

E isto na realidade uma theoria bastante engenhosa, e que tem illudido a nação, aliás distinctos, que não tem a mesma absoluta.

Nos, que até hoje temos vivido perante um governo livre, e que temos como missão regenerar o paiz e as instituições, não podemos concordar com este poder que é tudo entre nós, e que tem sido a causa dos nossos males, ora protegido por um partido ora por outro, dos que tem militado, enganando o paiz.

E neste estado de cousas appellamos para o povo, unico soberano que devemos reconhecer, e que a 7 de Abril manifestou com toda a pujança a sua soberania mostrando assim ao primeiro imperador, que não devia menos acabar aquelles quem elle deveo tudo quanto foi.

Já bem longe vão os tempos do direito divino, que é hoje impossivel ressuscitar. Os reis são hoje feitos pelo povo, governam em virtude de uma delegação, não são impostos. Quando, por ventura, a força bruta o consegue fazer, mais tarde ou mais cedo, esse governo, todo de facto, desaparece, porque não encontra apoio. Napoleão III teve em um bello dia a veleidade d'impôr ao Mexico uma reiporém os Mexicanos, povo de heróis, não descaçarão enquanto não conseguirão, a despeito de todas as contrariedades, mostrar ao despota francez a estulticie de semelhante pretenção. A causa da justiça personificada em Juarez triumphou, e o imperador expiou em Queretaro com a morte a sua audacia, pagando assim com a sua propria vida o sangue mexicano derramado pelas bayonetas francezas, com o unico fim de firmar uma dynastia estrangeira, que não encontrava apoio no paiz.

Na America só podem medrar as idéas livres ella repelle com todas as forças, o despotismo, e nós estamos na America.

Que tal? um delegado conservador a fazer negações aos seus correligionarios! Quando os deputados provinciaes denunciavam o indesculpavel abuso de empregarem as autoridades os seus subordinados em serviços particulares, clamavam possessores os conservadores condemnando esse procedimento, como uma profanação da dignidade d'aquelle recinto, pela mesquinhez da censura, e como uma villania flagrante, pela falsidade da imputação.

Pois bem! os deputados provinciaes querem justificar-se; apanham toda a substancia das accusações que tinham levantado, resumem-na, encerram-na em um pequeno artigo de lei, e vão submettel-a ao sr. Pires da Motta, que o assigna, como testemunha insuspeita.

E ali está a assemblea triumphante, e os conservadores,.... corridos.

Não admira pois que, enquanto o velho cão da fazenda, lamba as mãos do antigo feitor, e mostra as prezas aos escravos rebeldes, os cachorrinhos da senzala entrem já a rosnar e a volver-lhe olhares de colera.

Declarações aproveitáveis—O sr. Saraiva acaba de declarar no senado o seguinte:

«A violencia do golpe de estado, porque subiram os conservadores ao poder, convenceu aos progressistas de que havia necessidade de reformas mais adiantadas, e elles fundiram-se com os liberaes historicos, desapareceu o menos e ficou o mais. Em compensação surgiu o mais que tudo—os radicaes, que tanto amedrontam o nobre ministro da marinha (Apoiado do sr. Coletepe)»

Mais adiante s. ex. ainda nos diz:

«Em vez de dirigir ou acompanhar as idéas democraticas, (referindo-se ao ministerio) quereis suffocalas: pois bem, se não arrepias carreira, o partido radical vos esmagará.»

O ministro da marinha confessa ter medo dos radicaes, e o sr. Saraiva, que não é suspeito aos imperialistas, declara, que o partido radical hade esmagar esta triste ordem de cousas.

Já não somos, pois, um grupo insignificante de loucos, sem significação, no paiz.

Tanto melhor para a causa da democracia e para o futuro do Brazil.

O Diario e o administrador interno do Correio

Dois são os meios de expôr os empregados malversadores a justa punição dos delictos que commettem, no exercicio de seus cargos: denunciando pela imprensa os factos criminosos, para que os funcionarios superiores possam d'elles inquirir, ou levando-os ao conhecimento da autoridade competente por meio de petição.

Si não vivemos em Constantinopla, deve o publico saber d'estas cousas, porque é com o dinheiro do povo que estipendiam-se as repartições.

Si não estamos sob o regimen de Varsovia tem o accusado pleno direito de defender-se e provar toda vileza dos seus calumniadores, caso sejam falsas as accusações que lhe façam.

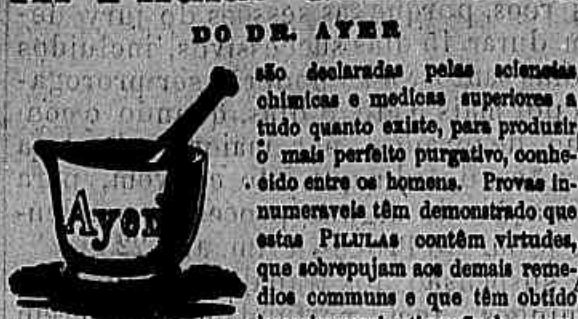
N'estas circunstancias pedimos a circumspecta redacção do «Diario de S. Paulo» a declaração dos crimes ou transgressões de lei commettidas pelo sr. administrador interno do correio d'esta provincia.

Tomamos a nós a defesa d'esse empregado, porque é nossa causa a defesa da verdade.

Um só deve ser o triumpho n'este combate intelectual, o da justiça.

Si o sr. administrador interno fór criminoso que soffra as consequências dos seus erros, porém si; pelo contrario, é elle victima da malevolencia de algum inimigo despuadorado, que nas trevas do anonymo vae ministrar inexactidões e calumnias á redacção do «Diario» preciso é que elle se eleve sobranceiro diante dos miseraveis que perseguem-no por meios tão indignos.

As Pilulas Catharticas



DO DR. AYER
São declaradas pelas sciencias chimicas e medicas superiores a tudo quanto existe, para produzir o mais perfeito purgativo, conhecido entre os homens. Provas innumeraveis têm demonstrado que estas PILULAS contém virtudes, que sobrepujam aos demais remédios communs e que têm obtido inequívoca estimativa do genero humano. Agradaveis ao paladar, ellas são inteiramente innocentes e efficazes. Entre outras propriedades, estimulam a acção vital do corpo, removem as obstrucções dos organos, purificam o sangue, purgam o dos maus humores que geram e agravam as indolências, fazem que os organos deprimidos recuperem a sua acção natural e communicam saúde e vigor a todo o systema. Não só curam os males continuos do corpo, senão também as enfermidades perigosas que affligem a maior parte do genero humano. E' o mais seguro e melhor medicamento que se pode dar aos meninos. Estão cobertas d'assucar e por isso são agradaveis ao paladar e, sendo pigmentos vegetaes não lhes causam dano. As curas que com ellas se têm obtido, se não fossem comprovadas por pessoas vivas e de alta posição e respeito social, poderiam abrir margem a dúbida. Muitos medicos eminentes têm concorrido para estabelecerem a sua reputação, testificando que esta preparação tem contribuido muito para alivio de sua olientella afflicta.

O ALMAKAR e MANUAL DE SAÚDE DO DR. AYER, que se encontram grãtis em nossa agencia geral, contém direcções para o uso das Pilulas Catharticas e certificados de curas, em casos de: Dores de Cabeça, Estomago cheio, dysenteria, constipação ou prisão de ventre, falta de appetito, náuseas, indigestões, hemorroides, tórax, reumatismo, e todas as enfermidades que requeream um evacuant. Com efficacia para limpar o sangue e estimular o systema, curam também padecimentos tais, como Neuralgia, irritabilidade nervosa, descurranças dos fígado e dos rins, gota, sciatica, cegueira parcial, paralisias, paralytic, suppurções e enfermidades analogas, que se originem no estado de debilidade physica e obstrucção dos organos e funcções.

Ha muitas e muitas especies de PILULAS; mas o publico deve trazer em mente que as

Pilulas Catharticas do Dr. Ayer,
são o melhor remédio para todos os casos em que se precisa de um laxante.

São preparadas unicamente pelo
DR. J. C. AYER & CO.
Chimicos Practicos e Analyticos,
Lowell, Est. de Mass., Est. Unidas da Amer.
e são vendidas no

IMPERIO DO BRASIL,
PELO
UNICO AGENTE, H. M. LANE,

15, RUA DIREITA, 15
RIO DE JANEIRO,
e nas principais pharmacias e drogarias da Corte e Provincias.

DEPOSITO EM S. PAULO
Rua Direita n. 46.

Vigor do Cabello, DO DR. AYER,

Para renovação do Cabello.
O Grande Empenho da Época!

O Vigor do Cabello é uma preparação ao mesmo tempo agradável, saudavel e efficaz para conservar o cabelo. O cabelo secco ou ruço retoma a sua primitiva cor e o brilho e o vigor do cabelo dos moços; o cabelo ralo, torna-se denso, o que cede, preserva-se e as calvas muitas vezes bem suppridas, com o seu uso. Quando as folliculas estão enfermas ou as glandas atrophiadas, não ha que possa reformar o cabelo senão uma applicação como o Vigor do Cabello, a qual, exemta de substancias deletérias que tornam algumas preparações perigosas e injurias ao cabelo, e muito dissimilante a essas pastas e sedimentos que tanto concorrem para sua queda, conserva-o limpo e forte e melhora-o sempre, sem poder damnificá-lo. Dest'arte o Vigor do Cabello é o mais desejavel dos ornamentos do

TOCADOR.
Elle não contém oleo, nem tintura; não é capaz de manchar nem o mais alvo lenço de cambraia; perdura no cabelo, dá-lhe brilhante lustre e espargue-lhe agradável perfume.

Depositarío geral no Brasil
H. M. LANE, 15, rua Direita.
UNICO AGENTE
DEPOSITO EM S. PAULO
Rua Direita n. 46

Ao Propheta

JOÃO BAPTISTA PASCOUAV, tem a honra de participar a seus freguezes desta capital e do interior que mudou seu estabelecimento de roupa feita e alfaiataria, para a rua da Imperatriz (antiga do Rosario) n. 21, casa de 2 andares, donde encontrarão sempre um escolhido sortimento de objectos pertencentes a este negocio.

N. B. Grande redução nos preços.
M. Pascouav costureira, no sobrado da mesma casa. 10-4

Correio Geral

Pela administração do correio geral se faz publico que acha-se marcado o dia 31 do corrente mes, para arrematação do serviço de transporte de malas do correio entre a cidade de Taubaté e Bananal. Todas as pessoas que a elle pretenderem dirijam suas propostas em cartas fechadas a esta repartição.

Administração do correio Geral de S. Paulo, 12 de Agosto de 1889.

Servindo de ajudante contador,
CLAUDIO DE MELLO. 10-7

Cambio

Tabella para se conhecer em — réis
Brazileiros — o estimativo do cambio
Francez, Hamburguez e Portuguez,
segundo o estado do cambio sobre
Londres, desde 12 dinheiros sterlingos,
ou pences, por 1.000 rs. até 27.
Esta tabella é muito util principal-
mente para os escriptorios das casas
bancarias e commerciaes.

A' venda no escriptorio do «Cor-
reio Paulistano». Preço 300 rs.

As pilulas de constipação do dr. Betoldi

Já tão vantajosamente conhecidas
nesta capital e nesta provincia se
vendem no largo da Sé n. 5 sobrado,
em caixinhas desde 240 réis até 5.00.
Distribue-se com ellas um direc-
torio para seu uso. João Laragnoil.
28-20

DR. EMILIO VOUTIER
MEDICO CIRURGIÃO DENTISTA DA
CAZA IMPERIAL.
Aprovado pelas faculdades de medicina de
Paris e do Rio de Janeiro.
RUA DO ROSARIO N. 9.
Dá consultas e tira dentes aos pobres gratui-
tamente todos os dias das 7 as 9 horas da
manhã.

Jundiahy
ALTA NOVIDADE

A Companhia Brazileira Equitativa e Gymnastica de
passagem por esta cidade dará tres espectaculos, que
constarão dos melhores trabalhos. O sympathico artis-
ta Alberto e o joven Lino farão maravilhas nos equilí-
brios japonezes, de nova invenção; o salto do beija flor
sobre os pés não só é admiravel, como é espantoso!
Os artistas Teixeira e Cusiano são sem duvida ne-
nhuns os novos campeões da gymnastica que ainda
não encontraram rival.

O abaixo assignado, artista e director da nova com-
panhia espera toda a protecção do illustrado e genero-
so publico de Jundiahy em geral.
O 1.º espectáculo terá lugar domingo, 22 do cor-
rente. 3-1

ANTONIO CARLOS DO CARMO.

O abaixo assignado faz sciencia que continuará a lecto-
nar portuguez, grammatica philosophica, francez,
arithmetic, geometria, systema metrico, e os diver-
sos methodos de ensino; na casa de sua residencia,
por preços muito raseaveis.
Rua da Esperança n. 31.
B. VINCENT. 3-2

Theatro de S. José

ASSOCIAÇÃO DRAMATICA PAULISTANA

Alta novidade do dia !!!

Grande espectáculo marítimo!

Ação passada a bordo da caravela FALCÃO nas cos-
tas do Brasil em 1631.

DOMINGO 22 DE AGOSTO DE 1889.

Subirá á scena pela segunda vez o drama de grande
appareto em 4 actos, tão applaudido em primeira re-
presentação:

UM DRAMA NO MAR

OU

PERNAMBUCO LIBERTADO

Personagens

Fernão Garcia (commandante do Falcão) Sr. J. Augusto Filho.

O Maluco (piloto da caravela) Sr. P. Petit.

Gil Annes (condeitavel d'ar-tilharia) Sr. C. Vasques.

André (moçoitavel) Sr. V. Cabril.

Gaspar (bombardeiro) Sr. F. Albuquerque.

Sara (judia) D. Balbina.

Lopo (moçoitavel a bordo do Falcão) D. Hortencia.

Tripulantes, bombardeiros, etc., etc.

Denominação dos actos

1.º ACTO

OS AMORES DE SARA.

2.º ACTO

A VINGANÇA DO MALUCO.

3.º ACTO

O GUIME E A TRAIÇÃO.

4.º ACTO

A INDEPENDENCIA DE PERNAMBUCO

Vestuario á caracter, scenario novo.

Os bilhetes achão-se desde já á disposição do res-
petavel publico, no escriptorio do theatro.

A 8 horas.

S. Paulo—Typ. do «Correio Paulistano».

CHRONICA

Depoimento imparcial—Na lei provincial n. 26, sancionada este anno pelo sr. Pires da Motta, depara-se a seguinte resolução:

«Art. 4.º O governo providenciara afim de que os soldados do corpo policial, embora ordenanças das respectivas autoridades, não possam ser occupados no serviço domestico das mesmas, e quaesquer objectos pertencentes ao corpo policial, e somente sejam empregados no serviço do mesmo corpo.»

ANNUNCIOS

A commissão encarregada da festa do SENHOR BOM JESUS DO COLLEJO desta cidade, tem a honra de participar a todos os arts. fiéis devotos, que a festa do corrente anno terá lugar no dia 29 do mes corrente, precedendo as novenas que principiarão no dia 21.

S. Paulo 19 de Agosto de 1889. 2-1

Constituição

Consultorio medico-cirurgico

O dr. Cindido Barata, medico e operador, residente nesta cidade, tem o seu consultorio á rua da Boa-Morte n. 4, onde pôde ser procurado a qualquer hora do dia ou da noite para os misteres de sua profissão, tanto para cidade como para fóra. 6-1